



VÍDEOS DE GUERRILHA NA SALA DE AULA: EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS DA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

Gregorio Albuquerque¹

Lídia Santos²

INTRODUÇÃO

A sala de aula é um espaço onde as relações entre os alunos são construídas e estabelecidas na relação principal com os professores e suas metodologias de ensino. A partir desse cenário é preciso estabelecer uma reflexão e problematização desse lugar de ensino a partir de experiências vividas.

O presente artigo tem como objetivo apresentar debates criados na produção de vídeo estudantil a partir de experiências de sala de aula da professora Lídia Santos na Escola Arte Grécia e do professor Gregorio Albuquerque da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), ambas da zona norte do Rio de Janeiro. Essas experiências permitem problematizar o momento de compartilhamento da produção de vídeo e superação das contradições e preconceitos sociais presentes na sociedade e ambiente escolar.

Diante do contexto social/político/cultural que vivemos, como os alunos se expressam subjetivamente através da produção de vídeo? Como isso afeta na produção e exibição/debate desses vídeos para além do ambiente escolar? A partir das experiências dos professores a proposta é que seja feito um debate sobre essa produção. O Rio de Janeiro possui diversas experiências de produção de vídeo estudantil na rede de escolas, além de mostras e festivais proporcionados pela Prefeitura da cidade e por instituições e escolas como ações individuais de professores.

VÍDEO / GUERRILHA

Durante o 1º Seminário de Audiovisual e Educação, uma professora, apresentando seu trabalho de produção de imagens na comunidade da Maré relatou que a produção realizada por ela com seus alunos são imagens de “guerrilha”. O relato dessa professora permitiu ampliar o entendimento do que seriam imagens políticas, diferenciando-as de produções de “guerrilha” em seu objetivo final. Mas o que seria uma imagem de guerrilha? A finalidade é definir a partir da própria experiência da professora essa forma de imagens.

¹ Professor da disciplina de Audiovisual da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz)

² Professora de História da Prefeitura do Rio de Janeiro



A imagem de guerrilha é uma imagem política, se diferenciando apenas no seu objetivo de produção e representação. É a imagem em que apresenta um ponto de vista revolucionário e de confronto e, assim estabelecendo um posicionamento político, ou seja, a imagem de guerrilha é sempre uma imagem política. Contudo a imagem política não necessariamente é uma imagem de guerrilha. A imagem política pode ser uma apropriação de uma imagem fora do seu contexto de tempo espaço, mas apropriada politicamente no seu uso.

Seu relato continua demonstrando que toda produção imagética que ela fazia com seus alunos estavam direcionadas para um objetivo de mobilização social da comunidade. Uma imagem que ao mesmo tempo representasse a realidade social e também produzisse um contexto político de denúncia. A realidade representada nas imagens permitiria ao espectador situá-lo em um contexto social que não são representados dentro da produção e consumo de imagens.

Guerrilha está diretamente ligado a guerra, neste caso a guerra urbana na qual vivem as comunidades. Então a produção sensível desses alunos está diretamente ligada à sua realidade de “guerra” e violência urbana. As imagens refletem a forma cultural de ver porém o que é visto e reproduzido em uma comunidade pelos alunos é ao mesmo tempo resultado e denúncia das condições sociais.

Alguns professores poderiam falar que as imagens seriam para representar o que há de bom na comunidade, ver os pontos positivos. Mas o que seria ver somente o que é de bom, deixando as precárias condições sociais de lado? Nesse ponto entrariam as imagens de guerrilha. As imagens sensíveis e “do que a comunidade tem de bom” diferenciaria das imagens de guerrilha porque essas demonstrariam o que escondem e não deixam ver por motivos políticos e ideológicos.

É importante ressaltar que não é toda comunidade que representa e contém condições sociais ruins. O que é preciso perceber é que a definição de guerrilha remete diretamente a “guerra”, ou seja, as imagens que são fruto não somente das comunidades mas que representam a realidade urbana de violência. Imagens que são produzidas e vistas por quem se apropria diariamente dessa realidade. Mas a produção em comunidades são todas imagens de guerrilha? A resposta seria uma problemática nas formas de como essas imagens serão utilizadas e para que foram produzidas.

Na história, o cinema se encontra com a guerra em diversos momentos. Como podemos ver em produções ideológicas do regime Nazista e filmes neorrealistas de diretores como Roberto Rossellini, Luchino Visconti, Vittorio De Sica. Atualmente, os filmes de guerra utilizam a linguagem para colocar o espectador dentro no ambiente de guerra. Filmes como o Soldado Ryan (1999, Steven Spielberg) que nos seus primeiros 25 minutos de filmes colocam o espectador no campo de guerra, principalmente utilizando a câmera na mão e o uso do som diegético, são exemplares.



Então, imagens de guerrilha colocariam o espectador dentro da realidade social da produção das imagens. Não são imagens que somente representam e sim imagens produzidas no interior do contexto social por pessoas que vivem aquela realidade. As imagens são de guerrilha porque são frutos de uma batalha no seu sentido literal ou metafórico com objetivo de denúncia. A imagem de guerrilha é um ato político para ser visto e exibido.

A VIOLÊNCIA COMO PROPOSTA? A EXPERIÊNCIA DO DEBATE DO VÍDEO “VERMELHO” ENTRE PROFESSORES

Vermelho é um vídeo produzido por alunos de ensino médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). No vídeo, um casal de namorados, em um almoço aparentemente romântico, encenam momentos típicos de término de relacionamento.



Cenas do vídeo “Vermelho”, direção Hugo Marins (2012)

Porém nem tudo é romântico no vídeo. O namorado tinha o objetivo de terminar o namoro naquele momento, preparado com todo romantismo pela namorada, que esperava um pedido de noivado. Expectativas distintas proporcionam momentos, na imaginação da namorada, pensamentos de violência. Após o típico “o problema não é com você é comigo”, a imagem se torna violenta e o espectador é levado a uma suposta realidade de violência e perseguição, que é revelada no final do vídeo, estando somente na cabeça dela. Disponível em https://youtu.be/mAqscpg_PbU

“Vermelho” foi selecionado em diversos festivais estudantis, criando uma identificação dos espectadores que já passaram por esse momento e tiveram o mesmo desejo que a menina teve. Esse curta, produzido por alunos, incentiva a violência representando um momento que muitas pessoas já passaram e tiveram o mesmo sentimento? Retratar e expor, artisticamente, pelo intermédio da imaginação e subjetividade, é incentivar a violência ou propor um debate sobre a situação?

Em um encontro com professores, o vídeo foi exposto como relato de experiência do professor e a experiência em tratar conteúdos que expressam a realidade daqueles alunos e



causam também identificação, não somente neles, mas de quem vê o vídeo. Porém a recepção dos professores e avaliadores foi de extremo incômodo com a proporção da violência de um vídeo estudantil e de forma o professor deixou que tivesse sido produzido um vídeo com aquelas imagens.

Esse estranhamento por parte dos professores e da avaliadora pode ser problematizado a partir do local da escola como espaço de debate desses temas. O que possibilitou que a avaliadora relatasse seu incômodo com a frase “o lugar da escola não é incentivar a violência”, “tem muito sangue esse vídeo”, “a escola não é lugar para incentivar a violência”. Mas estaria o vídeo incentivando ou criando um debate sobre determinado tema que precisa ser debatido na escola.

No episódio Arkangel da série Black Mirror, a personagem sofre uma censura por parte da mãe que implanta uma tecnologia na cabeça da filha que faz com que ela não veja imagens de violência. Por essa censura de não ver o que é a violência, em um momento real ela não soube se comportar diante de um caso real de violência.



Episódio Arkangel da série Black Mirror

O que não é visto e debatido não acontece? O que não se fala não existe? A produção de vídeo estudantil representa ao mesmo tempo a síntese das possibilidades de sua criação, ou seja, o tema representado no vídeo é ao mesmo tempo uma expressão artística da subjetividade dos alunos e que propõe o debate ampliado sobre não somente o conteúdo, mas o lugar de produção e divulgação.

O que os vídeos, produzidos pelos próprios alunos, podem proporcionar para os alunos na produção e para os próprios professores? Possivelmente uma consciência da potência e força da produção de vídeo que proporciona um debate com os alunos produtores, professores e espectadores sobre a temática.

O CASO DO DE VIOLÊNCIA E GÊNERO NA PRODUÇÃO E RECEPÇÃO



Dentro do trabalho que desenvolvo com o audiovisual na escola onde leciono, devo lembrar que a construção do Roteiro Estudantil vai muito além da produção do curta (vídeo) do estudante. É o processo de sua construção que traz uma riqueza pedagógica a ser analisada, desenvolvido pelas etapas cognitivas que envolve o estudante: o pensar o tema, o organizar em grupo, o debater, o pesquisar aprofundando o tema escolhido, o organizar os atores com as cenas, escolher/criar dentro das possibilidades as locações na escola, o manusear os equipamentos, treinar as falas, gravar, editar, exibir na comunidade escolar e no Cineclubes com os devidos debates.

Citarei como exemplo alguns dos curtas que pude observar o valor pedagógico, e não só como uma ferramenta, ao utilizar o audiovisual com alunos de escola pública de ensino Fundamental.

1º Caso - “E agora professora?”

Curta exibido no Festival de Pelotas, no Festival Fórum do Rio e utilizado pela empresa Multirio para o Projeto Professor Produtor. Ao ser exibido no Festival do Rio, encontrei professores que não aprovaram o filme, pois entenderam que ele conspirava contra o professor. Apesar disso, na abertura do debate ao público estudantil, foi o curta mais debatido com colocações de situações muito parecidas com a do curta ali apresentado.

O curta é dividido em duas partes e o desfecho foi decidido pela turma que pensou e desenvolveu a história. A primeira parte foi exibida para toda a escola e depois os alunos foram convidados a escrever um possível final para ele. Foram vários finais, mas o que me chamou a atenção foi a quantidade de finais com nível de violência aplicado a personagem da professora como: morte, xingamento, demissão, espancamento, entre tantas coisas.

Ao lermos o final, passei em todas as turmas ter uma conversa sobre o perigo de linchamento à uma pessoa, e que hoje a nossa Sociedade possui formas civilizadas para resolver as questões como Ouvidorias, delegacias ou até mesmo ir com o responsável na escola e falar com a direção da escola.

Outra coisa que pude observar foi a confusão que os estudantes fazem em relação a Racismo e Bullying: para eles tudo é Bullying. Na exibição do curta foi um tema muito falado e debatido na escola. Isso deu origem a um outro trabalho feito pelo nono ano: “Bullying” também encontrado no canal do Youtube.

Quanto a utilização no projeto Professor Produtor, uma estudante se identificou com a história e acusou a professor X de fazer o mesmo com ela. A estudante ficou muito nervosa. O curta foi um “gatilho” para ela. Lamentei muito o que ocorreu quando soube através do retorno da Multirio sobre o fato (em particular, sem nada registrado).mas ao mesmo tempo foi elogiado a coragem de falar do perigo de minimizar a dor do outro.



Confesso que quando a história surgiu, me enxerguei na professora. Percebi que, sem sentir, também agia assim: minimizando a reclamação e dor do outro. Percebi a necessidade de, mesmo estando em uma rotina louca com 14 turmas, a necessidade de ter o cuidado de ouvir o outro e, se preciso, parar a aula planejada e tocar nessas questões, independente de estar dentro do plano de aula ou não no momento, pois o momento é o agora.

2º Caso- “Para pensar“ e “Brinquedo”

Nesse segundo caso, costumo iniciar o trabalho com o equipamento usando o Minuto Lumière. Utilizando o mesmo processo de divisão da turma em grupos, criamos a história oralmente, debatendo com a turma e depois elaborando o Roteiro final.

Para a construção desses dois curtas de menos de um minutos, surgiu a discussão sobre trabalho que seria "de homem" e trabalho que seria "de mulher". Lembro que o ponto gerador foi uma aluna falando que o ônibus que ela pegou para vir para a escola estava sendo dirigido por uma mulher.

No decorrer da apresentação de um dos grupos, uma aluna lembrou que essa questão se encaixava no tema do Sexismo, e aproveitou para citar que na casa dela, ela tinha visto uma situação dessa quando a irmã mais nova nasceu. Uma visita trouxe uma bola do homem Aranha. A mãe, após a visita sair, reclamou do presente dizendo que aquilo não era presente de menina. Ela por sua vez pegou a bola para ela.

Nesse momento a turma voltou o debate para esse comentário lembrando que brinquedo não tem gênero, mas que é a partir dele que estabelecemos a posição assumida na sociedade: menina que brinca de ser mãe usando boneca, carrinho e bola para meninos, e por aí em diante.

Fizeram os dois curtas, exibimos na semana do Cineclube para as demais turmas e, como sempre, fizemos os debates. Após a exibição na escola, costumo colocar no canal do Youtube "Lídia Santos Arruda" e no meu Facebook, onde pessoas que não eram meus amigos, compartilharam o vídeo. Pude acompanhar o compartilhamento e fiquei chocada com a reação de certas pessoas que sequer pararam para ler a legenda do trabalho. Associaram a polêmica da Ministra Damarens de "Meninas vestem rosa e Meninos vestem azul", xingaram dizendo como era algo desnecessário sendo produzido na escola pública. Apaguei a postagem do curta no Facebook, assim terminando a polêmica.

Dessa forma, pude perceber que ao dar voz ao protagonismo dos estudantes, levando a construção/ materialização do conhecimento em uma atividade envolvendo o audiovisual, atingimos não só o espaço da comunidade escolar, mas o mundo a fora. Ressignificando e desconstruindo ideias consolidadas ao longo do tempo.

3º Caso- Bullying



Em relação ao curta Bullying, passamos pelo mesmo processo de criação. Reunimos o grupo e subdividimos para que cada grupo criasse uma história. 90% dos alunos criaram histórias sobre bullying. A partir daí fizeram um recorte para fazer um apanhado das melhores partes de cada.

Como estávamos na época da Feira de Ciências, um aluno sugeriu que montassem uma barraca para falar sobre esse assunto.

Começaram a pesquisar, montaram os cartazes e uma urna onde eles recolheram a opinião da escola toda. Essas perguntas eram:

- 1- Você já sofreu bullying?
- 2- Você já fez bullying?
- 3- Você já viu alguém fazendo e sofrendo Bullying?
- 4- Você já protegeu alguém contra o Bullying?
- 5- Você já esteve junto com alguém que fazia bullying?

Perto dessa barraca estava a equipe que entrevistava os alunos (entrevista essa utilizada na confecção do curta) com suas opiniões e pontos de vista.

A partir desse material coletado, os alunos organizaram as respostas e levaram para a própria turma e depois para outras turmas a discussão sobre bullying. De posse desse saber construído, os alunos começaram o processo de montar as cenas e a gravar.

O roteiro que surgiu teve várias alterações, pois abordava cenas extremamente violentas. Como professora, eu explicava que não podíamos reforçar a violência, porém os alunos rebatiam com a fala de que mostrar a verdade era o certo.

Diante deste impasse, já que estabeleço no começo do curso que a curadoria seria dos alunos e que eu estaria lá para auxiliá-los e possibilitar a execução do curta, resolvi deixar por conta deles. A solução encontrada foi a de fazer uma cena com violência e a outra com o grupo que fez a violência atuando de forma positiva.

Todo o processo foi feito pelos alunos, sempre me aproximava e dava uma olhada revisando os textos a serem escritos. Os alunos usavam o computador da escola e tudo que gravaram estava lá. Esse mesmo computador era utilizado por outras pessoas da comunidade escolar, então houve um problema de vírus que fez com que as cenas se perdessem não dando, dessa forma, a possibilidade de corrigir a palavra "atraves" que saiu escrita de forma errada (através).

Os alunos ficaram de refazer a cena mas por conta do tempo, não deu. Ficando com a palavra escrita de forma incorreta.



Um professor da escola levantou a questão de ser “vergonhoso” um trabalho feito no espaço da escola estar com o português incorreto, mas insisti para que fosse exibido o curta no auditório e coloquei no meu canal. Afinal, o trabalho não se resumia só no curta e sim em todo o processo de construção ali aplicado.

Como professora, fui convidada para fazer uma oficina de cinco horas com duas turmas de Projeto Carioca em outra escola municipal, a da Vila Cruzeiro, no complexo da Penha, pelo Coordenador Wander Pinto. Desenvolvi a oficina, passei os curtas (inclusive esse do Bullying), falei que a palavra estava escrita errada, fato que muitos nem notaram.

O que me deixou surpresa foi que alguns dias depois, na escola onde trabalho, três alunos se dirigiram a mim para dizer que seus vizinhos tinham vistos eles atuando no filme e que, como havia disponibilizado no canal, quase todo mundo que eles conheciam também haviam assistido e comentado com eles. Dessa forma, eles se sentiram famosos e puderam falar sobre como fizeram o curta.

Essa reação dos alunos de ver o curta deles nas comunidades foi até mais impactante que a reação deles ao ver nas salas de cinema dos festivais que nós participamos. Isso confere a ele o papel de agente transformador da realidade que temos, para a que queremos.

Nesse ano de 2020 tinha vários planos, mas não foi possível executá-los, infelizmente, por conta da Pandemia do Covid-19.

4º Caso - Foto em movimento: Uma foto, várias memórias.

Atualmente estou desenvolvendo um trabalho baseado no Resgate da Memória. Convido os alunos a pesquisarem junto aos seus responsáveis uma memória do passado e, se possível, uma foto que lembre essa memória. O bacana foi que para solucionar a falta da foto em alguns casos, os alunos recriaram com o próprio entrevistado a foto. A partir daí, os estudantes dão movimento às lembranças que essas memórias e fotos trazem à tona na forma de um curta.

O primeiro curta foi “Uma foto, várias memórias” que concorreu no 8º Festival da UERJ ganhando o prêmio pelo Júri Popular e No Primeiro Festival de Curtas da Multirio, perdendo para o curta do Núcleo de Arte Grécia que teve como referência a Vereadora Marielle Franco. Trouxe a importância da igualdade e respeito racial e social para todos. Fiquei muito feliz com a premiação, pois devemos falar e bater nessa questão que vem matando física e psicologicamente os nossos jovens.

Também gostaria de relatar que vários alunos que passam por escolas no ensino fundamental por essas aulas com o audiovisual, continuam a desenvolver em suas escolas de Ensino Médio. Cito como exemplo o Colégio Horacio de Macedo onde alguns alunos tem a opção de entregarem o trabalho em forma de vídeo, criando histórias que se encaixem nas ideias principais dos Filósofos trabalhados pelo professor. Meu filho foi meu aluno por quatro



anos no Ensino Fundamental II e é um dos alunos que fazem isso com a turma dele desde o primeiro ano do Ensino Médio.

Esse curso sobre Roteiro Estudantil me incentivou a escrever esse texto pois percebi ainda mais o valor de que mesmo sem técnica, com áudio ruim, com muitos defeitos, essas produções realizadas pelos alunos são importantes dentro dessa troca de saberes no espaço escolar.

Reconheci com as falas dos professores do curso várias etapas vividas por mim nesse trabalho de dar voz ao aluno pelo audiovisual que até então não eram na minha opinião reconhecidas por escritas ou estudos acadêmicos.

Deixo aqui o meu agradecimento aos idealizadores e professores do curso. Didática tranquila, fala sem muitos arabescos e direta, sobre a realidade que vivemos dentro de uma escola com pouco ou nenhum recurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo mostrar os problemas enfrentados pelos professores que trabalham com a produção de vídeo estudantil em sala de aula. A partir de experiências de dois professores do Estado do Rio de Janeiro foi possível explicitar e problematizar os acontecimentos surgidos a partir do vídeo produzido pelos alunos. Como lidar com esses conteúdos em sala de aula e de produzir um vídeo com essas temáticas?

A escola como espaço de debate sobre as questões que fogem ao conteúdo ainda é uma grande barreira. Contextualizando com a política atual da Escola Sem Partido ficou mais grave ainda, pois quem tinha medo de abrir espaço de escuta sobre temas polêmicos ficou ainda mais acuado.

É normal sermos questionados sobre a relevância de se falar sobre depressão, suicídio, aborto, debate sobre gênero e até drogas a razão é que aparecem as demandas escondidas nos alunos rotulados como o difícil, o estranho. Deixar quieto na minha opinião é fingir que não existe e aí está tudo bem.

O curta E agora Professora deu para perceber isso, pois incomodou os professores e serviu na exibição de uma outra escola como gatilho. Ao ser exibido a menina ide ficou o pouco caso da professora dela com ela e começou a acusar e depois passou mal. Eu enxerguei ele como um alerta para a minimização por parte de nós (me coloco no balaio) da dor do outro ... como medir aquilo que incomoda ou a dor do outro? Quantas vezes eu mesma tentei amenizar reclamações sem verificar até onde aquilo alcançava de doloroso no outro.

No caso do seu curta, quem nunca ouviu um " Olha não é nada com você não ..." quem nunca foi pego de surpresa pela ação do outro? Aki poderia ter passado na cabeça dela de tirar a própria vida(seria violento mas mais nobre?).



Tratar desses sentimentos ocultos é perigoso? Se é porque é? Porque não temos estruturas para atender os que sofrem com tais pensamentos? Ouvi muito na escola a seguinte frase " Hoje tudo é motivo de sofrimento e mi mi mi ".

Lá no grupo pouco me manifesto, a secretária de educação do Rio é imensa e cada grupo defende uma visão. Tem um concurso de audiovisual chamado Tirando as drogas de Cena. Os curtas não podem fazer referência explícitas ao uso delas mas o debate para a construção dos vídeos é recheado de histórias terríveis ... o aluno sempre pelo menos os meus questionam o porquê de não falar a verdade, reproduzir as cenas que alguns vêm pessoalmente? Aí entra o trabalho de falar sobre o objetivo do vídeo que é promover ações que possam produzir o mesmo prazer que as drogas

Ao mesmo tempo, é preciso que os professores que trabalhem com a produção de vídeo não permitam que os estereótipos sociais sejam reforçados no vídeo. A atriz principal sempre ser aquela aluna mais bonita, o negro sempre representar o ladrão e os estereótipos do cômico em personagens LGBTI+. A produção de vídeo permite desconstruir essa visão e padronização e por isso incomoda quem vê, seja alunos ou professores, porque proporciona esse incômodo, uma produção de um vídeo de guerrilha.

Filmografia

Black Mirror - Arkangel. Direção: Jodie Foster. Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. 2017. Série online. (50 minutos)